



ENTRE HUMANOS E BICHOS: a decolonialidade na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

[Resenha]

Jemima Kézia
da Costa

Sobre a autora:

Jemima Kézia da Costa é graduanda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

ENTRE HUMANOS E BICHOS: A decolonialidade na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos⁴

Jemima Kézia da Costa

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Editora Record, 2020.

Início do século XX, o mundo era bombardeado por conflitos, revoluções e novas formas de produção com a chegada da Segunda Revolução Industrial, diante de tais acontecimentos, era inevitável que houvessem transformações também no cenário artístico mundial. Falar de Modernismo é falar também de seus antecedentes e citar a produção artística que estava sendo criada no Brasil no início do século, podemos destacar inúmeros artistas dos movimentos Simbolismo e Realismo que se sobressaem no cenário literário da época, como Machado de Assis, com o romance psicológico, Lima Barreto, dando destaque para as causas mentais, ou mesmo a poesia de Augusto dos Anjos, todos estes são nomes que pavimentaram a literatura nacional para o que viria logo após, com suas tramas envolvendo recortes sociais antes não retratados na literatura, ficaram conhecidos como pré-modernistas, visto que já possuíam em seus textos resquícios do novo movimento que nascia. Nas palavras de Alfredo Bosi (1970, p. 243) “Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade”. Assim, esses autores, como já dito, fertilizaram o solo para o surgimento de uma nova literatura, mais transgressora, mais voltadas para as causas sociais, problematizadora e com foco em narrativas de denúncia.

Nas palavras de Bosi (1970, p. 266), a nova classe literária vai surgindo no Brasil após beber da arte que era produzida na Europa, assim como as classes artísticas que a antecedem. Deste modo, surgia no país uma arte ainda conectada com as que eram produzidas nos países europeus, mas que logo mais tomarias as rédeas de suas próprias produções e ganharia um rosto só seu: o Movimento Modernista Brasileiro.

Marcado pela Primeira Semana de Arte Moderna, tendo como participantes nomes ilustres como Mário de Andrade e Graça Aranha, o Modernismo abriu portas também para a produção de uma arte feminina brasileira com Anita

DATA DE SUBMISSÃO: 15/11/2023
DATA DE APROVAÇÃO: 22/12/2023

4 LINHA 1 Decolonialidade na América Latina, Histórias, Saberes, Culturas, Política, Economia, Territórios e Linguagens;

Malfatti, dando margem para o surgimento de uma nova arte, mais provocadora e sensível com as realidades que não eram discutidas na literatura nacional e assim, provocando uma enxurrada de novos pensamentos a respeito das pautas que precisavam ser discutidas tanto no interior do país como nas capitais.

Usando como objeto de estudo a obra “Vidas Secas” do renomado autor Graciliano Ramos, dono de uma vasta produção literária, podemos destacar inúmeras características do movimento modernista presente no texto, e assim, caracterizar esta escola literária a partir da trama vivenciada por Fabiano e sua família, incluindo a cachorra Baleia, no interior da região Nordeste do Brasil.

A princípio, cabe destacar o modo como o autor usa o cenário nordestino e a família de retirantes juntos de seu animal de estimação, para fazer uma forte denúncia social da real situação vivenciada na região no início do século XX, tomando, assim, um forte caráter decolonial, que nas palavras de Reis (1994) diz respeito ao uso do texto como forma de manifestação contra a cultura opressora vigente.

O pensamento decolonial objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação absoluta de todos os tipos de opressão e dominação, ao articular interdisciplinarmente cultura, política e economia de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial. (Reis, 1994, p. 3)

Dessa forma, “Vidas Secas” é usado como objeto de denúncia social, tornando claras as mazelas sociais vivenciadas por seus personagens e fazendo fortes críticas às opressões e ao descaso sofrido por eles, retratando um povo que fugia da fome e da ausência de amparo social, povos esquecidos pelo governo e pelo resto do país.

Sinha Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça; Fabiano levava no ombro a espingarda de pederneira; Baleia mostrava as costelas através do pelo escasso. Ele, o menino mais velho, caíra no chão que lhe torrava os pés. (Ramos, 2020, p. 41)

A trama é dividida em treze capítulos e narra a vida de Fabiano e sua família, incluindo a cachorra Baleia, no interior da região nordeste do Brasil. Em trechos como o destacado acima, nota-se a descrição do cenário e da tristeza sofrida pelos personagens, lembrando até o quadro “Os Retirantes” de Portinari (1944), retrato da realidade de muitos nordestinos que vagavam pelo Nordeste em busca de um lugar longe da fome e da miséria, onde pudessem tentar uma chance de sobreviver. Essas pessoas viviam isoladas do mundo, se perdiam no meio da paisagem da seca entre a vegetação e os bichos.

Bichos, esse é outro aspecto fortemente presente no texto, constantemente o personagem Fabiano está se comparando aos bichos, em trechos como: “— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. [...] — Você é um bicho, Fabiano. [...] — Você é um bicho, Baleia.” (Ramos, 2020, p. 12 13), ele mostra como o personagem, mesmo quando se enxergava como pessoa, logo voltava a se referir a si mesmo como animal, e se colocando até de igual para igual com seu bicho de estimação, também animal. Deixando clara a despersonalização desse povo que de tão esquecido pelo governo, já não se consideravam sequer parte da sociedade.

Outra característica do Modernismo é o uso constante de regionalismos linguísticos, como destaca Bosi (1970, p. 243) “isto é, mais atento ao registro dos costumes e à verdade da fala rural”. Inúmeras são as passagens em que o autor usa termos desconhecidos para dar originalidade à narrativa e caracterizar a fala dos personagens, em um deles Fabiano diz que sua esposa era “atilada, notaria a pabulagem.” (Ramos, 2020, p. 20), termos que são puramente regionais e que demonstram um forte estudo sociolinguístico por parte do autor, mais uma das características do movimento, a preocupação por destacar culturas marginalizadas.

Outro traço forte, a denúncia social, não fica entre as linhas do texto, pelo contrário, o autor deixa clara sua posição quando coloca como característica de Fabiano sua revolta contra os sofrimentos impostos pelo chamado “soldado amarelo” e dispara diversas críticas contra o sistema, em um dos trechos, o personagem questiona o motivo de ser tratado feito bicho, ser obrigado a se contentar com os ossos e até o pouco que lhe resta ser tomado.

Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias. (Ramos, 2020, p. 69)

Em outros diversos momentos, Fabiano se queixa de sua falta de jeito com as palavras e como gostaria de falar como as pessoas da cidade, em certo momento, novamente se colocava na posição de um animal, até se compara com o papagaio da família “Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade. Fabiano também não sabia falar.” Quanto a isso, é importante destacar como “Vidas Secas” retrata um cenário de difícil acesso à literatura no interior nordestino, o que, nas palavras de Candido (1988) “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.”, tornam claras e verdadeiras as queixas de Fabiano sobre a dificuldade que tinha com as palavras e como isso era

um empecilho para sua comunicação com a esposa, filhos, e também, como se sentia indefeso perante as pessoas, pela dificuldade que sentia em se expressar e não conseguir encontrar palavras, já que não lhe foi dada a oportunidade de aprender a ler e escrever, logo, não possuía sequer o direito de fabular uma vida melhor para seus filhos, diante de tantas dificuldades. “Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!” (Ramos, 2020, p. 66). O personagem, pela falta de oportunidade, cresceu sem saber escrever ou ler e transferiu essa situação aos seus filhos, que também são retratados como pessoas sem perspectiva de futuro, pois, assim como os pais, foram igualmente privados de seus direitos, assim, não são capazes de se defenderem das violências que sofrem e continuam a vagar pela terra quente do Nordeste à mercê do destino e longe de qualquer tipo de salvação.

Desta forma, “Vidas Secas” entra para história da literatura nacional como uma obra que ultrapassa as linhas do imaginário e adentra realidades vividas por sertanejos no interior do Brasil e que, ainda hoje, são vivenciadas por inúmeras pessoas que sofrem na pele o descaso do governo, a falta de acesso aos estudos, moradia digna e a dificuldade de imaginar um futuro onde a vida é diferente, menos sofrida. A obra escancara uma realidade existente num Brasil que não está na capa dos jornais europeus e que quando muito é retratado, se resume a um conto de desgraças em alguma novela caricata de algum canal de televisão. Um país esquecido e abandonado. Um país de pobres e bichos, como em “Vidas Secas”.

Portanto, a obra se configura como uma literatura que registra um recorte do sertão nordestino vivido por muitas pessoas e que precisa ser discutido e falado, para isso, se faz necessário ser estudado mais a fundo. O livro serve como fonte de registro para estudiosos ou demais leitores que buscam conhecer uma das realidades nordestinas por meio da literatura, mais especificamente, por meio do movimento modernista, que traça em suas inúmeras outras obras cenários do cotidiano de muitas pessoas, narrados e entregues de uma jeito nunca antes visto na literatura brasileira. Cenários de um Brasil esquecido, histórias não contadas e que também trazem pautas que antes não eram discutidas no ambiente literário nacional, seja através de “Cacau” (Amado, 1933) retratando o trabalho escravo sofrido pela população no interior da Bahia ou por meio de “Parque Industrial” (Galvão, 1933) narrando a vida operária nas fábricas em São Paulo.

Tudo isso para ressaltar a importância do movimento modernista na arte brasileira, seja como objeto de contravenção, dando voz para as mulheres, reinventando a escrita do romance, transformando a poesia e mudando o jeito de fazer literatura no país, como também estendendo suas teias até as outras

formas de fazer artístico, pintura, teatro, escultura, dança e demais. Enfim, o modernismo conseguiu romper com as normas em todas as esferas artísticas brasileiras, mostrando sua força e poder como instrumento de luta social, de busca por transformação, de revolta com as normas já estabelecidas e registra na história do Brasil artistas que transformaram nossa nação por meio da arte.

Portanto, a obra “Vidas Secas” do escritor brasileiro Graciliano Ramos é de fundamental importância para a literatura nacional, os temas debatidos no texto trazem traços da cultura brasileira de um modo único e nunca antes visto na literatura nacional, mostrando um Brasil em uma outra perspectiva, longe dos grandes centros urbanos ou influência europeia, um Brasil construído unicamente por brasileiros que lutam por um país mais igualitário e confortável, não só para as classes mais afortunadas, mas também para todos aqueles que contribuem para a formação do país como nação.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Cacau**. Editora Companhia das Letras, 2010.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio et al. O direito à literatura. **Vários escritos**, v. 3, p. 235-263, 1995.

GALVÃO, Patrícia; FERRAZ, Geraldo. **Parque industrial**. Mercado Aberto, 1994.

MARQUES, Ivan; BUENO, Luís. Em torno do romance de 30. **Teresa**, n. 16, p. 6-9, 2015.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Editora Record, 2020.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz. **O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas**. 1994, p. 30.